

Parresia e Arte Autista: Caminhos para a Coragem da Verdade e o Cuidado de Si

Parrhesia and Autistic Art: Paths to the Courage of Truth and Care for the Self

Ana Cândida Nunes CARVALHO

Mestre em Filosofia pelo Programa de Pós-graduação em
Filosofia da Universidade Federal do Piauí (UFPI) –

PPGFIL/CCHL

E-mail: anacncarvalhopi@gmail.com

Resumo:

O presente artigo parte das arguições sobre os caminhos para o alcance da liberdade parresíasta de uma pessoa autista, no âmbito do cuidado de si, diante das questões impostas pelo cotidiano, evidenciando, nessa perspectiva, as manifestações artísticas desenvolvidas como via para a coragem da verdade. Visa, portanto, o alcance de uma autoria de si, dentro da descoberta e na instauração de si mesmo como realidade ontológica distinta do corpo, a partir da emergência do conceito de *psykhé*, como maneira de ser e maneira de fazer de que se trata de dar conta ao longo de toda a existência, erigindo enquanto mola propulsora para traçar o percurso para uma autoria de si, ou seja, para o ser humano retomar a vida como beleza possível, até minimizar os resquícios do sistema de dominação dos sujeitos. Nesse sentido, a discussão resvala nas conceituações que delimitarão o quadro social em que pessoas autistas estão inseridas, como porta de entrada para propor possibilidades do agir, pautadas, ainda, na necessidade de mitigar preconceitos ou obstáculos ao processo de inclusão em todos os âmbitos do cotidiano. O embasamento bibliográfico se concentra em elementos da obra foucaultiana *Coragem da verdade*, além de alguns de seus comentadores.

Palavras-chave: Arte autista. Cuidado de Si. Parresia. Coragem da verdade. Vida como beleza possível.

Abstract:

This article begins with arguments about the ways to achieve parrhesiast freedom for an autistic person, in the context of care for the self, in the face of issues imposed by everyday life, highlighting, from this perspective, the artistic manifestations developed as a route to the courage of the truth. It aims, therefore, to achieve self-authorship, within the discovery and establishment of oneself as an ontological reality distinct from the body, based on the emergence of the concept of *psykhé*, as a way of being and a way of doing that it is about to account for throughout existence, serving as a driving force to chart the path towards self-authorship, that is, for human beings to resume life as possible beauty, until minimizing the remnants of the system of domination of subjects. In this sense, the discussion falls into the concepts that will delimit the social framework in which autistic people are inserted, as a gateway to propose possibilities for action, also based on the need to mitigate prejudices or obstacles to the inclusion process in all areas of the daily life. The bibliographical basis focuses on elements of Foucault's work, *Courage of The Truth*, as well as some of his commentators.

Keywords: Autistic art. Care for the self. Parrhesia. Courage of the truth. Life as possible beauty.

1 Introdução

A proposta deste artigo emergiu sob o cerne da problemática: como a parresia e a arte autista, a partir de uma coragem da verdade, poderiam emergir enquanto instrumentos de desestruturação da maquinaria de dominação dos sujeitos, atuando contra as mudanças estruturais limitadoras que ocorrem na sociedade?

O sentido almejado pela pesquisa perpassou pelas possibilidades de transpor os resquícios sistêmicos das engrenagens de dominação dos sujeitos (onde há um arcabouço de sentidos, crenças, valores, cultura, manifestações artísticas), levantando conceitos trazidos da obra foucaultiana, apontando, ainda, a própria noção de sistema. Pretendeu-se mostrar, portanto, como a pessoa autista se relaciona com o sistema, enquanto dirigido pelos meios de poder (dinheiro, economia, política), dentro da dinâmica do capitalismo.

As vias da arte autista e da fala franca podem seguir, por exemplo, sem auxílio externo, ou seja, valorizando a própria expressão criativa, adotando, assim, outros caminhos para manifestação de desejos, necessidades, opiniões, posicionamentos, que irão divergir do discurso estrutural atribuído ao modo de vida capitalista.

O objetivo da pesquisa parte do intuito de alargar ainda mais o repertório comunicativo de uma pessoa autista, artista visual, no campo da fotografia autoral, e autora desta pesquisa, Ana Cândida Carvalho, que gira em torno de melhorar habilidades de expressão e compreensão, principalmente se configurando como ferramentas poderosas para dar-lhes voz.

Cabe destacar que a consciência não autorreconhece a pessoa autista como engrenagem da maquinaria da modernidade. Por isso, naturalizam o preconceito e a consequente exclusão social, considerando que o processo de dominação dos sujeitos almeja sempre criar pessoas extremamente eficientes, capazes de atuar de forma exitosa frente às demandas diárias. Deste modo, a presente pesquisa busca analisar e compreender a própria dificuldade ou impossibilidade de medir as práticas que poderão levar ao rompimento destas imposições alheias, relacionadas, mormente, à liberdade de agir socialmente, sem amarras demasiadas.

2 Breve análise do conceito de parresia e a arte como manifestação da verdade

A partir do Sócrates dos diálogos platônicos, Foucault (2020)¹ passou a sustentar que é possível encontrar a raiz de duas diferentes tradições filosóficas do ocidente por meio do tema do dizer-a-verdade socrático-platônico: a) uma metafísica da alma, inaugurada no Alcibiades (Platão, 2022, *apud* Villa, 2023)²; e b) uma estética da existência, que se pode extrair do Laques (Platão, 2016, *apud* Villa, 2023). Com isso, houve uma reinvenção de uma narrativa do pensamento ocidental, não mais como história da metafísica da alma, mas na forma de uma história da estética da existência, trazendo a vida como beleza possível!

A obra de Foucault poderia ser, cronologicamente, destrinchada em três períodos: 1) etapa arqueológica, interessada, sobretudo, pela produção dos saberes; 2) etapa genealógica, atormentada pela preocupação com o exercício do poder; e 3) etapa ética, interessada nas práticas de subjetivação. Isso tudo para alcançar uma articulação entre os modos de veridicção, as técnicas de governamentalidade e as práticas de si (Veiga-Neto, 2003; Araújo, 2004; Grós, 2007, *apud* Villa, 2023).

A parresia, afinal, dependerá de quatro condições: 1) dizer tudo; 2) dizer a verdade; 3) dizer o que pensa (não da boca para fora); e 4) assumir um risco. O parresiasta precisa ter a coragem necessária para enfrentar, pelo menos, dois grandes perigos resultados de sua ação do dizer-a-verdade: 1) o perigo de romper o vínculo de intimidade fundamental que possui com seu interlocutor, ao dizer a ele verdades desconfortáveis; e 2) o perigo físico, que pode atingir a própria vida, ao dizer verdades incômodas à pólis ou ao soberano.

Em torno desse tema da fala franca, do dizer-a-verdade (veridicção), sobre tudo, inclusive sobre si, serão sobrepostas as questões da aleturgia (produção da verdade), da governamentalidade (governo dos outros) e da subjetividade (governo de si). Há, na prática da parresia, três extremos, que dizem respeito às três medidas do fazer filosófico foucaultiano: 1) a verdade (*alétheia*); 2) o governo (*politeia*); e 3) a formação do sujeito (*éthos*).

Não se trata de uma atividade solitária: exige sempre um interlocutor, seja um filósofo, um professor, um amigo, um amante. Esse outro necessário para o dizer-a-verdade, na antiguidade, é justamente a figura do parresiasta, que encontra em Sócrates seu modelo por excelência. Frequentemente, os modos de veridicção – profecia (religioso), sabedoria (filósofo) e técnica (professor) – coadunam-se. Sócrates, por exemplo, pode ser encarado como parresiasta por excelência, combinando com a parresia elementos da profecia, da sabedoria e do ensino, cuja missão gira em torno de cuidar do outro e ensinar o outro a cuidar de si.

¹ FOUCAULT, Michel. **A coragem da verdade: o governo de si e dos outros II**. Martins Fontes: São Paulo, 2020.

² VILLA, Lucas. A vida como escândalo da verdade: o testamento filosófico de Michel Foucault. **Veritas Revista de Filosofia da PUCRS**: Porto Alegre, v. 68, n. 1, p. 1-16.

Vale destacar os diálogos socráticos com Alcibiades (Platão, 2022, *apud* Villa, 2023) e Laques (Platão, 2016, *apud* Villa, 2023), cujos pontos de convergência são: 1) a parresia socrática serve para perguntar aos interlocutores se eles são capazes de cuidar de si mesmos; e 2) essa parresia leva os interlocutores à conclusão de que precisam cuidar de si mesmos; e 3) Sócrates aparece como aquele capaz de, cuidando dos outros, ajudá-los a cuidar de si mesmos. Em relação aos pontos de divergência, pode-se apontar: 1) no Laques, Sócrates pratica a fala franca com adultos; no Alcibiades, com um jovem; 2) no Laques, não se chega a uma conclusão sobre o tema central (a verdade da coragem); no Alcibiades, chega-se a uma conclusão sobre o que é o homem: a sua alma (*psykhê*) (Foucault, 2020).

Assim, segundo Foucault (2020), para cuidar das coisas da *pólis*, ou seja, para cuidar do outro, é preciso primeiro saber cuidar de si mesmo, através do conhecer a si mesmo. Cuidar de si não é cuidar do corpo, mas da alma. O homem é sua alma! E é a partir do princípio de que é preciso dar conta de si que resulta, graças à parresia socrática, na descoberta e na instauração de si mesmo como realidade ontológica distinta do corpo. E essa realidade ontologicamente distinta do corpo é o que é designado muito explicitamente como a alma (*a psykhê*).

Sócrates irá mostrar a Alcibiades que ele devia cuidar dessa *psykhê*. E essa instauração da *psykhê*, como realidade ontologicamente distinta do corpo de que era preciso cuidar, era correlativa de um modo de conhecimento de si que tinha a forma da contemplação da alma por si mesma e do reconhecimento por si mesma de seu modo de ser. É nesse sentido que Sócrates dirá que a alma deve olhar para si mesma; ela é como um olho que, procurando se ver, seria obrigado a olhar na pupila de outro olho para perceber a si mesma. Do mesmo modo dirá, contemplando a realidade divina, que assim será possível, finalmente, apreender o que há de divino na própria alma (Foucault, 2020).

Desta maneira, o si mesmo se instaura como realidade ontologicamente distinta do corpo, sob a forma de uma *psykhê* que tem a possibilidade e o dever ético de se contemplar, dá lugar a um modo de dizer-a-verdade, de veridicção, que tem como papel e como fim conduzir essa alma de volta ao modo de ser e ao mundo que são os dela. Essa veridicção socrática, que pode ser visualizada no Alcibiades a partir desse tema fundamental, recorrente e comum do cuidado de si, designa e, até certo ponto, circunscreve ou delimita o que será o lugar do discurso da metafísica, quando esse discurso tiver de dizer ao homem como está seu ser e o que, desse fundamento ontológico do ser do homem, desdobra-se quanto à ética e às regras de conduta.

A partir do mesmo ponto – dar conta de si mesmo e cuidar de si – no Laques, a instauração ou elaboração de si mesmo não se faz mais no modo da descoberta de uma *psykhê*, como realidade ontologicamente distinta do corpo, mas como maneira de ser e maneira de fazer de que se trata de dar conta ao longo de toda a sua existência. A maneira como se vive, a maneira como se viveu, é disso que é

preciso dar conta, e é isso que se apresenta como o próprio objetivo dessa empreitada de prestação de contas. Quer dizer que a prestação de contas de si mesmo, que no Alcibíades nos levava àquela realidade ontologicamente distinta que é a *psykhé*, no Laques nos conduz a uma coisa bem diferente. Ela nos conduz ao *bíos*, à vida, à existência e à maneira como se leva essa existência. Essa instauração de si mesmo, não mais como *psykhé* mas como *bíos*, não mais como alma mas como vida e modo de vida, é correlativa de um modo de conhecimento de si que, é claro, de certa maneira e fundamentalmente, pertence ao princípio do "conhece a ti mesmo", evocado com tanta frequência no Alcibíades (Foucault, 2020).

Mas esse "conhece a ti mesmo", que vale no Laques como vale no Alcibíades, que vale para descobrir a alma, por um lado, e para trazer à luz o problema do *bíos*, esse conhecimento de si tem, evidentemente, uma forma bem diferente quando a prestação de contas de si mesmo é indexada ou ordenada ao problema do *bíos* (da vida) e não à descoberta da alma como realidade ontologicamente distinta. Esse conhecimento de si, bem mais rememorado do que posto em ação no Laques, não tem a forma da contemplação da alma por ela mesma no espelho da sua própria divindade. Esse modo de conhecimento de si toma a forma – as palavras estão, como já foi salientado, no Laques – da prova, do exame, também do exercício, relativos à maneira de se conduzir. E dá ensejo a um modo de dizer-a-verdade que não circunscreve o lugar de um discurso metafísico possível, a um modo de dizer-a-verdade que tem como papel e fim dar a esse *bíos* (essa vida, essa existência) uma forma (Foucault, 2020).

Confrontando o Alcibíades e o Laques, emergirá o ponto de partida das duas grandes linhas de desenvolvimento da veridicção socrática, através da filosofia ocidental. A partir desse tema primeiro, fundamental, comum, do "dar conta de si mesmo", uma primeira linha vai ao ser da alma (o Alcibíades), a outra às formas da existência (o Laques). Uma vai à metafísica da alma (o Alcibíades), a outra a uma estilística da existência (o Laques). E como esse "dar razão de si" constitui o objetivo obstinadamente buscado pela parresia socrática, está nesse ponto seu equívoco fundamental, que vai ser marcado em toda a história do pensamento ocidental, como dualidade entre "ser da alma" e "estilo da existência" (Foucault, 2020).

A existência (o *bíos*) foi constituída no pensamento grego como um objeto estético, como objeto de elaboração e de percepção estética: o *bíos* como uma obra bela, delineando os contornos da estética da existência. Uma história da vida como beleza possível: todo esse aspecto da história da subjetividade, na medida em que constitui a vida como objeto para uma forma de estética, foi por muito tempo encoberto e dominado, claro, pelo que se poderia chamar de história da metafísica, história da *psykhé*, história da maneira como se fundou e estabeleceu a ontologia da alma (Foucault, 2020).

Se, no Laques, Sócrates instaura, desperta uma articulação entre a maneira de vida e o dizer-a-verdade, são os cínicos, segundo Foucault (2020), que carregam ao extremo essa relação, chegando quase

ao ponto da insolência. A parresia cínica carrega a marca de uma ambiguidade: de um lado fala franca, de outro, fala insolente.

Segundo Diógenes Laércio, citado pelo professor Lucas Villa, Antístenes, discípulo de Sócrates e instituidor do cinismo, leva a parresia ao extremo. Destacando, então, que a lisonja antagoniza a fala franca, dizia, costumeiramente, que “preferia estar entre os corvos (*κóραξ*) que entre os bajuladores (*κόλαξ*), já que os primeiros devoram cadáveres, enquanto os segundos devoram seres vivos” (Laércio, 2013, *apud* Villa, 2023, p. 7). Díon Crisóstomo indicava três classes de filósofos: 1) os que se calam porque pensam que a multidão não é capaz de ser convencida; 2) os que reservam suas palavras a um público seletivo; e 3) os cínicos, que fazem da filosofia uma prática popular e discursam nas ruas (Villa, 2023).

O cinismo tentava dotar o homem de capacidade para a vida, ensinando-lhe a libertar-se do que não é necessário (bens materiais, fama, poder, vaidade...) e a viver em conformidade com a natureza. Mais que transmitir doutrina, o cinismo pretendia ensinar a viver. O cinismo aparece como uma forma de filosofia na qual modo de vida e dizer-a-verdade estão diretamente ligados um ao outro: o cínico caracterizado como o homem da parresia (Foucault, 2020).

Na prática cínica, a exigência de uma forma de vida extremamente marcante – com regras, condições ou modos muito caracterizados, muito bem definidos – é fortemente articulada no princípio do dizer-a-verdade ilimitado e corajoso, do dizer-a-verdade que leva sua coragem e sua ousadia até se transformar em intolerável insolência.

O cinismo, a vida cínica (*bíos kynikós*), emerge enquanto prestação de contas filosófica de Foucault, trazendo a dimensão ética de sua filosofia final: os processos de subjetivação e de veridicção (dizer a verdade), o cuidado de si, a parresia (fala franca) e a vida filosófica (*bíos philosophikós*). Foucault parresiasta, que parece querer dizer, sem firulas, uma verdade-de-si. Quando Foucault fala da vida cínica, refere-se à própria vida: a vida que moldou como obra de arte e que, na proximidade da finitude, reivindica para si e abaliza orgulhosamente, reconhecendo-se como filósofo (Villa, 2023).

Esse modo de vida próprio dos cínicos permite mostrar as únicas coisas indispensáveis à vida humana, ou o que constitui sua essência mais elementar, mais rudimentar. Nesse sentido, é esse modo de vida que mostra, em sua independência, em sua liberdade fundamental, o que é simplesmente e, por conseguinte, o que deve ser a vida. Enquanto todo o procedimento socrático existente no Alcibiades consistia em poder definir em sua separação radical, a partir desse cuidado de si mesmo, o que é o ser da alma, tem-se aqui uma operação reversa de redução da própria vida, redução da vida a si mesma, redução da vida ao que ela é na verdade e que se faz aparecer, assim, no próprio gesto da vida cínica.

O cínico diz, em Epicteto³: "Não tenho mulher nem filhos nem palácio de governador, mas somente a terra e o céu e um velho manto. Acaso me faz falta? Acaso não vivo sem tristeza e sem temor, não sou livre?" O cinismo não se contenta, portanto, com acoplar ou fazer se corresponderem numa harmonia, ou numa consonância, um tipo de discurso e uma vida conforme apenas aos princípios enunciados no discurso. O cinismo vincula o modo de vida e a verdade a um modo muito mais estrito, muito mais preciso. Ele faz da forma da existência uma condição essencial para o dizer-a-verdade. O cinismo pretendia ensinar a viver: tratava-se de armar os indivíduos para a vida, para que pudessem enfrentar os acontecimentos. Ele faz da forma da existência a prática redutora que vai abrir espaço para o dizer-a-verdade. Ele faz, enfim, da forma da existência um modo de tornar visível, nos gestos, nos corpos, na maneira de se vestir, na maneira de se conduzir e de viver, a própria verdade. Em suma, o cinismo faz da vida, da existência, do *bíos* o que se poderia chamar de uma aleturgia, uma manifestação da verdade (Foucault, 2020).

O cinismo é sempre apresentado como uma espécie de individualismo, de afirmação de si, uma exasperação da existência particular, da existência em sua extrema singularidade, seja por oposição, em relação ao deslocamento das estruturas sociais da Antiguidade, seja em face do absurdo do mundo moderno. Em todo caso, o indivíduo e o individualismo é que seriam o cerne do cinismo, o que embaça a visão da forma de existência enquanto escândalo vivo da verdade.

A forma de existência como escândalo vivo da verdade está na base do cinismo, pelo menos tanto quanto o tal individualismo que se tem o costume de encontrar com tanta frequência a propósito de tudo e de qualquer coisa. Focando na história longa do cinismo a partir desse tema da vida como escândalo da verdade, ou do estilo de vida, da forma de vida como lugar de emergência da verdade (o *bíos* como aleturgia), apareceriam pelo menos três elementos que poderiam transmitir o esquema cínico. O primeiro suporte da transferência e da penetração do modo de ser cínico na Europa cristã foi constituído, é claro, pela própria cultura cristã, pelas práticas e pelas instituições do ascetismo religioso. Segundo, há o militantismo, na forma não mais da socialidade secreta, mas da organização visível, reconhecida, instituída, que procura impor seus objetivos e sua dinâmica no campo social e político. E o militantismo não mais se escondendo na socialidade secreta, mas aparecendo, fazendo-se reconhecer em organizações sindicais ou partidos políticos com função revolucionária. O terceiro grande veículo, na cultura europeia, do cinismo ou do tema do modo de vida como escândalo da verdade, seria a arte (Foucault, 2020).

A arte moderna é o cinismo na cultura; é o cinismo da cultura voltada contra ela mesma. E se não é simplesmente na arte, é na arte principalmente que se concentram, no mundo moderno, em nosso

³ EPICTETO. *Entretiens*, III, XXII, 48, p. 77, *apud* FOUCAULT, Michel. **A coragem da verdade: o governo de si e dos outros II**. Martins Fontes: São Paulo, 2020, p. 150.

mundo, as formas mais intensas de um dizer-a-verdade que tem a coragem de assumir o risco de ferir. E nessa medida, Foucault crê que se poderia construir uma história do modo cínico, da prática cínica, do cinismo como modo de vida, ligado a uma manifestação da verdade.

3 A construção criativa da pessoa autista como via para a coragem da verdade e o cuidado de si

Chegando à noção do entendimento de que a experiência estética do artista autista consente identificá-lo enquanto ator adequado a realizar a quebra das imposições da maquinaria sistêmica de dominação dos sujeitos, a partir das construções criativas, usadas como via para a coragem da verdade e para o cuidado de si, esta pesquisa aponta a ideia de que é elencando os elementos da zona de interesse restrito da pessoa autista, chamado de hiperfoco⁴, que são engendrados os caracteres que sustentam as raízes das suas concepções artísticas, erigindo conceitos e representações que concebam o substrato da comunicação, imprescindível para a interação e como via para o cuidado de si.

Segundo Rückert (2021)⁵, contra a noção hegemônica da linguagem, a arte autista é um passo anverso ao modelo puramente utilitarista, abrangendo todos os corpos que com ela interatuam e dividem o mundo. Os pesquisadores Rückert (2021) e Bialer (2021)⁶ ressaltam a abundância da existência psíquica, intelectual e criativa das pessoas autistas, que aproveitam o pensamento para edificações imaginativas de forma criativa. Bialer delinea o caráter sólido e espesso dos escritos literários autobiográficos de alguns autistas, assinalando que evidenciam extremado anseio de contato e integração com o meio, além do desejo de serem compreendidos, de fato.

É sob o aqueduto da blogosfera⁷ que erigem exemplos de concepções artísticas, também presentes em outras publicações fora do circuito acadêmico (como exposições artísticas ou sites autorais). Nesse contexto, é possível citar exposições como as do projeto Retratos Defiças⁸, realizado pelo

⁴ Interesses intensos em assuntos específicos, próprio de pessoas autistas.

⁵ RÜCKERT, Gustavo Henrique. In our Language: um manifesto poético e político de Amanda Baggs. In: MAGNANI, Luiz Henrique; RÜCKERT, Gustavo Henrique. **Linguagem e autismo: conversas transdisciplinares**. Catu: Editora Bordô-Grená, 2021.

⁶ BIALER, Marina. **Linguagem e Autismo: o estudo da literatura escrita por autistas**. In: MAGNANI, Luiz Henrique; RÜCKERT, Gustavo Henrique. **Linguagem e autismo: conversas transdisciplinares**. Catu: Editora Bordô-Grená, 2021.

⁷ Referência ao universo das criações publicadas em blogs ou sites autorais.

⁸ Podendo ser visualizado e acompanhado através do site <https://www.retratosdeficis.com/>.

Departamento de Antropologia da Universidade Western Ontario/Canadá, tendo selecionado 22 propostas artísticas que foram desenvolvidas em 2021, trazendo dentro do seu escopo projetos de pessoas autistas; em 2022, aconteceu exposição específica de autistas artistas através do projeto A(u)rtistas, organizada pela Gibiteca de Curitiba, em parceria com a Associação Brasileira para Ação por Direitos das Pessoas Autistas – Abraça; e há a exposição permanente de artes dos autistas da Associação de Amigos dos Autistas do Piauí – AMA/PI, que pode ser conferida *in loco* ou no próprio site da instituição⁹.

Vale destacar as imagens e textos presentes no blog Ana Autista¹⁰, criado pela pesquisadora deste artigo, cuja extensão é o próprio site da autora¹¹ e seu perfil profissional na mesma rede social de imagens¹², elencado no escopo da tese de Ries (2023, p. 133 e 134)¹³. O autor, então, discorre:

Ana é fotógrafa e utiliza nas publicações os seus registros de imagens para, sensivelmente, dar a ver a sua perspectiva sobre o autismo ou relatar a si própria. [...] A forma de expressão de Ana recorre à narrativa poética, a uma partilha delicada e absolutamente afetiva colocada como um convite à sensibilidade, pelo querer oferecer algo que pode ser visto, experimentado, algo que a afeta e pode também afetar, o que sugere que o seu processo de autodefinição se estabelece na arte, na afetividade expressa pela poética. Ana fala durante este processo de produção de subjetividade, enquanto elabora o seu discurso, sente-o e formula-o, ao escolher as palavras, selecionar a imagem e aproximá-las, quando decide compartilhar com o mundo o seu sentimento e, por isso, agir, deixar extrapolar a si própria e se render à transformação que a experiência gera. As palavras carregam o seu afeto e o seu discurso o compartilha pelo convite que faz ao nosso imaginário, quando convoca lembranças, ativa outras percepções e inaugura perspectivas socialmente transformadoras. Ana oferece esse afeto e aquele que recebe poderá aceitá-lo.

Ries (2023, p. 135) acrescenta que a fotógrafa autista descreve sua situação diante do mundo como se estivesse aprisionada às suas rígidas exigências, que não atendem ou respeitam singularidades. Lança, assim, uma emblemática metáfora, no escopo de seu blog, definindo a existência de uma liberdade humana, apenas sob as “fronteiras de um tubo de ensaio”, como se, mesmo sob uma pretensa liberdade, não fosse possível transpor as barreiras da intolerância.

Apresenta, assim, em postagens do Instagram profissional (fixadas nos destaques), colagens digitais feitas com fotos autorais, onde demonstra tal inquietude, com o uso de arquétipos emblemáticos

⁹ No endereço <https://www.amapiaui.com.br>.

¹⁰ No endereço https://www.instagram.com/ana_autista/.

¹¹ No endereço <https://anacandidacarvalho.com.br/>.

¹² No endereço <https://www.instagram.com/ana.candi/>.

¹³ RIES, Igor Lucas. “Somos Autistas”: Uma Cartografia Afetiva de Enunciados de Neurodivergentes no instagram. Universidade de Tuiuti do Paraná. Curitiba: 2023.

e, muitas vezes, apresentando mensagens subliminares (uso do caramujo, representando as carapaças vestidas diariamente para lidar com a maquinaria de dominação dos sujeitos; o gato¹⁴ à espreita, simbolizando o afã de revolução contra os paradigmas vigentes; as bonecas desgrenhadas, demonstrando a ideia de transgressão dos padrões estéticos ou a necessidade de liberdade para a fala franca, em profusão); sombras aterradoras e figuras que remetem à leveza, como flores, folhas, frutos e sorrisos, ainda que artificiais, causam uma sensação de contradição e paradoxo, ao refletirem o caráter estrutural da existência, envolvendo o sombrio/mortal e o vívido/belo/efêmero:

Figura 1 – O Paradoxo¹⁵.



¹⁴ Referência à ex

¹⁵ Na composição
cobrindo metade
entrar ou sair de
parado, apontando
composição.

central pulsante,
a pessoa tentando
mpo (um relógio
r uma leveza à

Fonte: [instagram.com/ana.candi/](https://www.instagram.com/ana.candi/) (2023)

Figura 2 – Descompassar¹⁶.



¹⁶ Nesta composição, estilo colagem digital, com fotografias autorais, sob o olhar de um gato selvagem, símbolo da revolução, ladeado pelas coisas belas, efêmeras e simples (acerolas, flores e folhas), surge, em preto e branco, uma boca apreendendo um globo ocular, que é janela da alma, sobretudo. Um sorriso fácil, abaixo, sobre o corriqueiro (fartas frutas densamente avermelhadas), aparece ao lado de uma boneca riscada e pouco convencional, com abafadores de ruído vermelhos (para, supostamente, protegê-la das demandas do mundo), segurando uma boneca de pano, de vestido vermelho, tampouco usual, prefigurando projeção do humano, espelhamento... A figura pulsante trata-se de uma bailarina, cuja leveza derramada em passos de dança, não passa de mero embuste. Se o espectador vasculhar de perto, verá que seus pés estão extremamente machucados. Um sorriso despojado foi captado na foto de baixo, à direita, no entanto. Há poesia e descompasso.

Fonte: [instagram.com/ana.candi/](https://www.instagram.com/ana.candi/) (2023)¹⁷

Figura 3 – Uma Perspectiva Inusitada¹⁸.



17

<https://www.instagram.com/ana.candi/>
865631_11922

em:

33941941691

¹⁸ Esta composição, de uma perspectiva, de um gato selvagem (simbologia da revolução). Sob o olhar felino, há uma cabeça (mente/ideologia) sendo arremessada, ao abismo, e amparada por mãos receptivas (cobertas de glitter avermelhado), improváveis. Há leveza, ao redor, tudo (dentes-de-leão, flores, uma boneca *Quitapesares* numa folha) parece fluir, flutuar... Ou não!

A *Quitapesares* é tema da dissertação da autora deste artigo. Traz a simbologia da leveza e da libertação psíquica, contra os maus pensamentos. Tradicionalmente encontrada na cultura Maia, a boneca retira pensamentos ruins durante a dormida, ao ser colocada embaixo do travesseiro do sonhador. Nesta composição, “grita” sobre a necessidade permanente de criação de mundos outros, sem amarras.

Fonte: [instagram.com/ana.candi/](https://www.instagram.com/ana.candi/) (2023)

Para Ralph Savarese (2015)¹⁹, a despeito do estranhamento social ao assinalar a relação autismo-poesia como se fossem meandros conflitantes, a poesia insurge, justamente, nessa corporalidade característica da linguagem autista. E se, segundo Savarese, a compleição de caráter poético do texto repousa na própria concepção e na quebra de modelos de linguagem, nada mais repleto de lirismo que apreciar características únicas dos textos de escritores autistas: repetição, circularidade, o deleite ao contemplar o aspecto harmônico das palavras e de seus ajustes são algumas das propriedades da “musicalidade poética”.

O autor em questão percebe, então, uma acentuada aptidão de autistas para esta musicalidade poética, além da sinestesia, já citada; de forma análoga ao que ocorre aos neurotípicos quanto à justaposição aos caracteres semânticos do poema. Assim, é grande advogado da causa “poesia como ferramenta de interação cultural”; como lugar de tradução e aparelho possível para assessorar o movimento da neurodiversidade humana.

Comentando, laconicamente, sobre uma pintura intitulada “Pássaros violariam os padrões elegantes das empresas aéreas pela aparência, mas os céus ostentam cores diurnas mais vivas quando podem voar livremente e sem a censura da humanidade”²⁰ (tradução nossa), Biklen (2005, *apud* SAVARESE, 2012)²¹ cita os atos imaginativos do pintor autista Larry Bissonnette, que cria um império de atividade artística de forma livre. Lembra, ainda, que não possibilitar às pessoas com deficiência a liberdade de expressão total de seus padrões de arte inspiradora seria como ater a criatividade com recriminação. Em outro comentário, ele pontua que Bissonnette não se interessa pela verossimilhança,

¹⁹ SAVARESE, Ralph James. What some autistics can teach us about poetry: a neurocosmopolitan approach. In.: ZUNSHINE, Lisa (org.). **Oxford handbook of cognitive literary studies**. Oxford: Oxford University Press, 2015.

²⁰ *Birds would violate airline dapper standards for appearance but the skies sport vivider dayglo colors when it can fly freely and uncensored by mankind.*

²¹ SAVARESE, Ralph James. **Gobs and Gobs of Metaphor: Dynamic Relation and a Classical Autist’s Typed Massage**. United States of America: Grinnell College, 2012.

mas pinta de acordo com seus sentidos. E vale destacar que estes sentidos, no autismo, têm o hábito de ser especialmente “carregados”, ou encorpados. Com enorme agudeza, ele cataloga as “cores vivas do dia glorioso”, apreendendo livremente do céu, através da pintura, o voo dos pássaros. Artistas como Larry, conforme o autor acentua, demudam/decompõem o ato de fazer arte em majestosas declarações; ocupando o mundo e alcançando a justiça para pessoas “sem voz”; arruinando estereótipos de deficiência e deixando as pessoas do entorno sem palavras. Savarese (2012) fará referência, ainda, à “sensação do pensamento”, como chama Amanda Baggs, citada por Erin Manning (2009, *apud* SAVARESE, 2012) ao se referir à sinestesia própria de pessoas autistas, que permite, por exemplo, a poética do encontro dos dedos de Bissonnette, ao dispensar o pincel e ter contato direto com as gotículas de tinta, onde quase pode sentir a linguagem emergindo dessa colisão tátil.

Embora assegure em *My Classic Life* que a função da arte é aparelhar pensamentos, visualmente, de maneira que a linguagem declaradamente não consegue articular, Bissonnette não abandona a primeira pela segunda. Mais uma vez, ele estabelece uma analogia. Biklen (2005, *apud* SAVARESE, 2012) sugere que o leitor considere o título de outra pintura de Bissonnette: “Muita arte parecida em demasia com o homem moderno, não enfatiza questões elevadas de moralidade, então elogie-me por contar histórias, brilhando coloridamente sobre os céus do norte”²² (tradução nossa). A metáfora subentendida convida o leitor/observador a imaginar a pintura como uma forma de “contar histórias”. A tendência de comparar palavras com imagens e vice-versa, em formulações intensamente figurativas, é tão prevalente na escrita de Bissonnette que quase parece neurologicamente definitivo. O autor continua apontando que, se a sinestesia é o processamento de um sentido através do outro, então é possível tentar conceber meios sinestésicos, ou o processamento de um meio através de outro – neste caso, imagens através de palavras e vice-versa. Dá para imaginar, caso queira, o corpo emaranhado das artes, onde as regiões do cérebro, normalmente dedicado a uma função específica, na verdade, executa uma função diferente: onde um transforma o outro no decorrer do processo.

Cabe dizer que a concepção autista chega ao próprio olhar (ou à autocompreensão), em partes. O que induz a conceber uma pessoa, por exemplo, arremessando baldes de aquarela em objetos translúcidos. Um balde não tem como trazer todo conteúdo à mostra, em um arremesso único, mas com o passar dos instantes (e se assim interessar ao autista), ele pode lançar mais e mais baldes até apreender melhor o que tem no entorno, e, assim, fazer uma leitura robusta, desconcertando a maquinaria sistêmica

²² *Plenty of art very like modern man doesn't stress high issues of morality so praise me for telling stories shining colorfully over northern skies.*

e alcançando, pretensamente, uma autoria de si, adornando-se da liberdade parresiasta, para dizer de si, sem firulas.

Considerações Finais

Uma pretensa “autoria de si”, própria do cuidado de si, presente nas práticas de veridicção, parte da liberdade para agir diante das demandas do entorno, considerando entraves e possibilidades, de acordo com características individuais de cada pessoa autista. Assim, foram elencados aspectos imprescindíveis para a análise do quadro social em que tais pessoas estão inseridas, ressaltando a conjuntura liberal como porta de entrada para uma desenvoltura pautada na necessidade de dirimir capacitismos ou outros entraves ao processo de inclusão e à apreensão das manifestações comunicacionais, como via de materialização de uma retomada do seu papel de sujeito, até minimizar os resquícios da colonização do mundo da vida pelo sistema.

A maquinaria de dominação dos sujeitos impõe entraves sociais, alcançando pessoas com deficiência, que encontram obstáculos incomuns durante o caminho para o seu pleno florescimento, que são demasiadamente difíceis de superar, mesmo sob ações sociais sábias e pontuais. Apesar de ser um caminho sinuoso, cabe às ações voltadas às demandas de pessoas autistas provocar um campo múltiplo de transformação e possibilidades de atividades adaptadas diante da realidade cotidiana de cada uma, respeitando características individuais e primando pela ruptura do círculo vicioso da exclusão social (próprio da maquinaria sistêmica, colonizadora do mundo da vida).

Isso ocorreria através de posturas profissionais e sociais que trabalhem questões como a aproximação de uma liberdade para ações da vida diária e acesso às políticas públicas, dando suporte para uma autoria de si, atingindo ou se aproximando de um cuidado de si, diante das ações cotidianas, mediante a descoberta e no estabelecimento de si mesmo como realidade ontológica distinta do corpo, a partir da emergência do conceito de *psykhe*, possibilitando, para o ser humano, retomar a vida como beleza possível, até minimizar os resquícios do sistema de dominação dos sujeitos.

Para tanto, é preciso fortalecer a rede de apoio familiar e socioassistencial, garantindo amparo aos autistas e seus apoiadores/responsáveis, no intuito de dirimir a visão turva direcionada às potencialidades da pessoa autista, devido à desinformação, capacitismos e rótulos cotidianos com os quais ela convive. O destaque deve ser na proximidade de uma independência para atividades habituais, focando na produtividade, nas habilidades sociais e no bem-estar/qualidade de vida.

A maquinaria de dominação sobre as manifestações artísticas também impõe seus ditames à produção criativa autista. A construção de subjetividades ultrapassando os limites impostos traz

possibilidades de expressão do belo para além das limitações correntes. A emergência de exemplos edificados pelas manifestações artísticas autistas direciona as práticas criativas no sentido de desconsertar as engrenagens da maquinaria estética imposta socialmente, além de ensejar a aquisição ou ampliação de repertório comunicacional.

É a partir da profusão de subjetivações, frutos da autotransformação permitida pela consciência ao produzir criativamente, em um movimento contínuo de exercício ético, que se permite ao sujeito atingir a capacidade de, finalmente, escutar as frestas.



CARVALHO, Ana Cândida Nunes. Parresia e Arte Autista: Caminhos para a Coragem da Verdade e o Cuidado de Si. *Kalagatos*, Fortaleza, vol.21, n.3, 2024, eK24062, p. 01-17.

Recebido: 08/2024

Aprovado: 09/2024